

EURÍPEDES BARSANULFO O APÓSTOLO DA CARIDADE



7a. EDIÇÃO

JORGE RIZZINI

edições
Correio Fraterno

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Ele era a candeia ardente e resplandecente; e vós quizestes alegrar-vos por um pouco de tempo com a sua luz.

(João, 5, 35)

HOMENAGEM

Vinte e quatro pessoas nos deram depoimentos escritos e gravados em fita magnética sobre Eurípedes Barsanulfo, sendo que vinte e duas conheceram o Apóstolo da Caridade, pessoalmente. A maioria dessas preciosas testemunhas oculares, porém, desencarnou sem ver esta obra publicada. Que o nome delas fique, pois, neste pórtico gravado como uma singela homenagem:

Homilton Wilson - irmão de Eurípedes Barsanulfo

Edalides Millan - irmã de Eurípedes Barsanulfo.

Elite Irany - irmã de Eurípedes Barsanulfo.

José Vigilato da Cunha - testemunha das primeiras sessões espíritas com Eurípedes Barsanulfo.

Ranulfo Gonçalves da Cunha - filho de "Sinhô Mariano", o introdutor de Eurípedes Barsanulfo no Espiritismo.

Adelino Ferreira - irmão de Amália Ferreira (secretária de Eurípedes Barsanulfo) e discípulo do médium nas aulas de Espiritismo no Colégio Allan Kardec.

José Rezende da Cunha - cunhado de Eurípedes Barsanulfo.

João Duarte Vilela - compadre de Eurípedes Barsanulfo.

Temístocles Rufino - afilhado de Eurípedes Barsanulfo.

Odilon José Ferreira - discípulo de Eurípedes Barsanulfo e seu afilhado.

Ana Garcia de Castro - curada por Eurípedes Barsanulfo.

Oscar Tolentino Bagueira Leal - curado por Eurípedes Barsanulfo.

Genny Novelino Fernandes - discípula de Eurípedes Barsanulfo.

Antenor Germano da Silva - discípulo de Eurípedes Barsanulfo e professor no Colégio Allan Kardec.

Zenon Zoroastro Borges - discípulo de Eurípedes Barsanulfo e professor no Colégio Allan Kardec.

Angelo Ribas Sobrinho - discípulo de Eurípedes Barsanulfo.
Margarida Borges - discípula de Eurípedes Barsanulfo.
Manoel Borges - discípulo de Eurípedes Barsanulfo.
Zófimo Borges - discípulo de Eurípedes Barsanulfo.
José Vieira - discípulo de Eurípedes Barsanulfo.
José Silveira - discípulo de Eurípedes Barsanulfo.
Maria de Lourdes Silveira - discípula de Eurípedes Barsanulfo.
fo.
Jerônimo Cândido Gomide - discípulo de Eurípedes Barsanulfo.
fo.
Agnelo Morato, cuja progenitora foi curada por Eurípedes Barsanulfo.

Estávamos escrevendo este livro altas horas da noite, quando, no silêncio do aposento, fizeram-se ouvir três batidas no piano. Então, uma voz sussurrou aos nossos ouvidos: "Rui Barbosa". Ao grande Espírito, pois, pelo interesse doutrinário demonstrado através de carinhosas visitas, dedicamos estas páginas.

E a Manoel de Abreu — Espírito Guia do autor.

De como este livro foi escrito

*... nada há encoberto que não haja de revelar-se,
nem oculto que não haja de saber-se.*

(Mateus, 10-26)

Eurípedes Barsanulfo não foi somente uma cultura. E um médium notável. Foi, também, uma criatura inteiramente voltada à Espiritualidade Maior. E, mais ainda: pela sua alta evolução, amigo do Cristo.

Conta o espírito Hilário Silva pela psicografia de Francisco Candido Xavier o encontro de Eurípedes Barsanulfo com Jesus. O encontro faz supor, evidentemente, que o nosso biografado, antes de reencarnar, já conhecia o Mestre(1)...

Narra Hilário Silva:

Começara Eurípedes Barsanulfo, o apóstolo da mediunidade, em Sacramento, no Estado de Minas Gerais, a observar-se fora do corpo físico, em admirável desdobramento, quando, certa feita, à noite, viu a si próprio em prodigiosa volitação. Embora inquieto, como que arrastado pela vontade de alguém num torvelinho de amor, subia, subia...

Subia sempre.

Queria parar, e descer, reavendo o veículo carnal, mas não conseguia. Braços intangíveis tutelavam-lhe a sublime excursão. Respirava outro ambiente. Envergava forma leve, respirando num oceano de ar mais leve ainda... Viajou, viajou, à maneira de pássaro teleguiado, até que se reconheceu em campina verdejante. Reparava na formosa paisagem, quando, não longe, avistou um homem que meditava, envolvido por doce luz.

(1) Vide a obra *A Vida Escrita*, psicografada por Francisco Candido Xavier, pag. 192, 2.ª edição, Feb.

*Como que magnetizado pelo desconhecido, aproximou-se...
Houve, porém, um momento em que estacou, trêmulo.
Algo lhe dizia no íntimo para que não avançasse mais...*

E, num deslumbramento de júbilo, reconheceu-se na presença do Cristo.

Baixou a cabeça, esmagado pela honra imprevista, e ficou em silêncio, sentindo-se como intruso, incapaz de voltar ou seguir adiante.

Recordou as lições do Cristianismo, os Templos do Mundo, as homenagens prestadas ao Senhor, na literatura e nas artes, e a mensagem d'Ele a ecoar entre os homens, no curso de quase vinte séculos...

Ofuscado pela grandeza do momento, começou a chorar...

Grossas lágrimas banhavam-lhe o rosto, quando adquiriu coragem e ergueu os olhos, humilde.

Viu, porém, que Jesus também chorava...

*Trespasado de súbito sofrimento, por ver-lhe o pranto, desejou fazer algo que pudesse reconfortar o Amigo Sublime...
Afagar-lhe as mãos ou estirar-se à maneira de um cão leal aos seus pés...*

Mas estava como que chumbado ao solo estranho...

Recordou, no entanto, os tormentos do Cristo, a se perpetuarem nas criaturas que até hoje, na Terra, lhe atiram incompreensão e sarcasmo...

Nessa linha de pensamento, não se conteve. Abriu a boca e falou, suplicante:

— Senhor, porque choras?

Ointerpelado não respondeu.

Mas desejando certificar-se de que era ouvido, Eurípedes reiterou:

— Choras pelos descrentes do mundo?

Enlevado, o missionário de Sacramento notou que o Cristo lhe correspondia agora ao olhar. E, após um instante de atenção, respondeu em voz dulcíssima:

— Não, meu filho, não sofro pelos descrentes aos quais devemos amar. Choro por todos os que conhecem o Evangelho, mas não o praticam...

Eurípedes não saberia descrever o que se passou então.

Como se caísse em profunda sombra, ante a dor que a resposta lhe trouxera, desceu, desceu...

E acordou no corpo de carne.

Era madrugada.

Levantou-se e não mais dormiu.

E, desde aquele dia, sem comunicar a ninguém a divina revelação que lhe vibrava na consciência, entregou-se aos necessitados e aos doentes, sem repouso sequer de um dia, servindo até à morte.

A narração de Hilário Silva dá-nos a medida exata da evolução de Eurípedes Barsanulfo. No entanto, o autor desta biografia confessa que até pouco tempo quase nada sabia a respeito da vida do apóstolo de Sacramento. Porque, além do livro "Subsídio para a história de Eurípedes Barsanulfo", de Inácio Ferreira, que não havíamos ainda lido, apenas crônicas tinham sido publicadas sobre ele; não obstante — fato estranho! — haver desencarnado há mais de meio século. Seu nome, todavia, sempre nos atraía... Produzia sobre nós estranha sensação. Até que, subitamente, sentimos o desejo intenso de biografá-lo. Esse desejo, de onde viera, se Eurípedes Barsanulfo, para nós, pouco representava? Nossa mente começava, pois, a ser influenciada pela Espiritualidade... E, para nos chamar a atenção, os Amigos Espirituais serviam-se de nossos conhecidos; estes, ignorando o que se passava conosco, citavam no decorrer da conversa o nome de Eurípedes... Até que aconteceu um fato imprevisto.

Havíamos ido à Casa Transitória(1) pronunciar uma palestra, quando alguém nos comunicou que no sábado vindouro, na cidade de Sacramento, seria realizada uma comemoração do desencarne de Eurípedes Barsanulfo e se não iríamos... Como se não bastasse, eis que para maior admiração nossa, Teodoro Lausi Saccó, nessa mesma tarde, nos apresenta à sra. Genny Novelino, irmã de Corina Novelino; esta última, então, diretora do Colégio Allan Kardec... (2)

A mensagem do Alto estava dada; o que tínhamos a fazer, imediatamente, era seguir para Sacramento — e para lá rumamos, a fim de colher os primeiros dados para a elaboração da presente obra.

(1) A Casa Transitória pertence à Federação Espírita do Estado de São Paulo (Nota da Editora).

(2) Houve, aqui, uma informação incompleta, que os próprios Espíritos se incumbiram de corrigir. Ora, semanas depois, Teodoro Saccó telefonou-nos, dizendo que (tinha ele certeza agora!) Genny Novelino (e não Corina Novelino) fora aluna de Eurípedes Barsanulfo... Estava evidente o dedo dos Espíritos na correção... Imediatamente, procuramos a sra. Genny Novelino e obtivemos novos informes sobre o apóstolo; inclusive, o endereço de ex-alunos de Eurípedes Barsanulfo, residentes em São Paulo. E, assim, abriram-se novos horizontes para este livro.

Material farto e excelente, o que trouxemos para São Paulo: depoimentos do prof. Antenor Germano da Silva, ex-aluno de Eurípedes Barsanulfo; Oscar Tolentino Bagueira Leal, curado em 1916 pelo médium de Sacramento; de Ranulfo Gonçalves da Cunha, cujo pai, Sinhô Mariano, introduzira Eurípedes Barsanulfo, seu sobrinho, no Espiritismo...

Nessa primeira viagem tivemos oportunidade ainda de visitar e *sentir* os lugares frequentados por Eurípedes Barsanulfo, como a Zagáia, onde o médium à luz dos astros fazia pregações ao povo; o Colégio Allan Kardec, por ele fundado; a chácara "Triângulo"; a fazenda Santa Maria, em cuja casa, construída por escravos, Barsanulfo desenvolvera a sua poderosa mediunidade... Todos esses locais, ainda hoje, estão impregnados de sua vibração!

À tarde, de regresso, viajando de ônibus por uma estrada de terra batida, pensávamos em nos deter um pouco em Uberaba; não para assistir aos trabalhos mediúnicos da Comunhão Espírita Cristã, pois curto era nosso tempo, mas para rever Chico Xavier. Foi quando sentimos, no ônibus, a presença carinhosa de um Espírito Superior. Quedamo-nos, atento, enquanto lhe recebíamos os fluidos suaves. Então, em nosso interior, ouvimos com clareza uma voz dizer:

— Há uma mensagem para você.

Imediatamente, refletimos: "Se eu assistir aos trabalhos de Chico Xavier perderei o último ônibus para São Paulo... Pedirei ao Chico que me remeta a mensagem pelo correio e, assim, as coisas se ajustam."

O Espírito, porém, tornou a dizer:

— Há uma mensagem para você.

E, certos de que a mensagem viria através de Francisco Candido Xavier, reciocinamos da mesma forma que antes: "Pedirei ao Chico para me enviar a mensagem pelo correio... Falarei com ele antes que os trabalhos se iniciem e voltarei ainda hoje para São Paulo."

Às sete horas da noite chegamos à Comunhão Espírita Cristã. Chico Xavier, de pé, no salão, atendia ao povo em fila indiana. Abraçamo-nos e, antes que falássemos da "mensagem que ele deveria enviar pelo correio" (até aquele instante lhe havíamos dito, apenas, que andávamos a pesquisar a vida de Eurípedes Barsanulfo) eis que surge à nossa frente um senhor de sessenta e poucos anos de idade, de gestos nervosos, dizendo à meia voz no ouvido de Chico:

— Fui discípulo de Eurípedes Barsanulfo.

— Como?

— Fui aluno de Eurípedes Barsanulfo, em Sacramento.

Chico Xavier, sorrindo, respondeu:

— Ah, meu filho, então você deve falar é com o Rizzini, não comigo...

A mensagem prometida no ônibus ali estava, ao nosso lado; pegamos o “estranho” senhor pelo braço (tratava-se de Angelo Ribas, dentista em Uberaba) e, na sala ao lado, munidos de papel e lapis, anotamos preciosas informações a respeito da vida de seu antigo mestre no Colégio Allan Kardec.

Interessante é que o dentista parecia ter pressa em narrar tudo o que sabia sobre Eurípedes Barsanulfo — como se nunca mais nos fosse encontrar... Até fotografias tiradas em Sacramento e relacionadas com a vida de seu professor estava ele disposto a fornecer-nos.

Testemunho direto este e, todavia, obtido por via mediúnica...

Agora, um detalhe em alto-relevo: o dentista Angelo Ribas não obstante viver vinte anos em Uberaba, jamais havia ido ver o Chico Xavier!

Os nossos Amigos Espirituais, pois, colaboravam conosco de maneira objetiva e, até mesmo, tangível, inclusive, trazendo ex-alunos de Eurípedes Barsanulfo à nossa presença, facilitando, por demais, o nosso trabalho.

Dias depois, embarcamos para o Rio de Janeiro em busca do poeta Homilton Wilson, irmão de Eurípedes Barsanulfo. Homem austero e culto, era pela sua família considerado o censor oficial de tudo o que se publicava sobre Eurípedes. Não admitia fantasias. Esclareceu-nos algumas dúvidas biográficas sobre o apóstolo e ofertou-nos em seu apartamento no bairro do Catete, um exemplar de “Subsídio para a história de Eurípedes Barsanulfo” com anotações e corrigendas suas ao pé das páginas. A primeira anotação é esta:

“Homilton Wilson, irmão carnal de Eurípedes Barsanulfo houve por bem complementar alguns dados informativos neste livro e eliminar senões e equívocos nele contidos.”

E, a seguir, vem este parecer com a sua assinatura:

“A meu ver, este excelente e único relato satisfatório da vida de Eurípedes Barsanulfo, no momento, merece lido e amplamente divulgado.”

De volta a São Paulo, procuramos o sr. Zenon Zoroastro Borges. Fora ele um dos primeiros alunos matriculados no Colégio Allan Kardec e, já moço, fez-se professor do Ensino Médio nesse mesmo colégio; ainda ao tempo de Eurípedes Barsanulfo.

Estávamos em sua casa, fazendo anotações, quando, esquecido de certo detalhe nos disse:

— Vamos ver a Margarida! Ela conhece bem esse caso.

— De quem se trata?

— De minha irmã. Foi, também, aluna de Eurípedes e mora no apartamento ao lado do meu. Venha comigo...

Surpresa agradabilíssima! Íamos, agora, nos defrontar com mais uma testemunha. E da. Margarida Borges, além de nos contar o que sabia sobre o médium de Sacramento, ofertou-nos fotografia rara — velha foto de Eurípedes Barsanulfo muito valiosa porque sem retoques. À despedida, dissemos à da. Margarida e Zenon Borges que voltaríamos a vê-los, a fim de melhor examinar a caixa de sapatos com antigas fotografias... E voltamos (sem aviso prévio) uns dez dias depois. E, nova surpresa os Espíritos Amigos nos haviam reservado!

No apartamento encontrava-se, de passagem por São Paulo, um outro irmão de Zenon Borges. Havia ele chegado da cidade de Rio Claro; chama-se Manoel Borges e fora, também, discípulo e amigo de Eurípedes Barsanulfo. Após contarmos a razão de nossa visita a seus irmãos, disse-nos, criando um "suspense":

— Quer ver, já, um trabalho mediúnico de Eurípedes Barsanulfo?

E Manoel Borges arregaçou a manga da camisa e mostrou-nos, feliz, uma cicatriz de uns quinze centímetros de comprimento em seu braço direito.

— Aí está... Eu devia ter uns dez anos de idade, quando Eurípedes Barsanulfo fez esse trabalho. Eu havia sofrido um acidente grave no colégio...

Abraçamos o sr. Manoel Borges. A fotografia do braço operado, que me prometera enviar de Rio Claro, iria dar a este livro nova força; e, assim, pela primeira vez, graças aos Espíritos, iríamos todos ter uma prova visual de um trabalho mediúnico de Eurípedes Barsanulfo.

E as "coincidências" prosseguiram. A colaboração dos Amigos Espirituais era tão objetiva, que nos deixava, por vezes, perplexos. Citemos mais algumas para, em seguida, trazer diante do leitor a figura apostólica de Eurípedes Barsanulfo.

Em São Paulo fomos, ainda, em busca de um sobrinho de Eurípedes Barsanulfo, o dentista Manoel de Aquino Rezende, no bairro do Tatuapé. Alguém nos dissera que ele conservava o instrumental cirúrgico e documentos que haviam pertencido ao médium de Sacramento. O instrumental (disse-nos Rezende) entregara à Corina Novelino, a fim de que fosse exposto no Colégio Allan Kardec, mas, tempos depois, desaparecera... Quanto aos documentos, nunca os possuiu. Nossa pesquisa parecia infrutífera. O filho de Manoel de Aquino Rezende, porém, ouvia a conversa e, de súbito disse:

— Neste prédio, no primeiro andar, mora uma senhora que foi curada por Eurípedes Barsanulfo. É a sra. Ana!

— É verdade! exclamou o dentista, olhando o filho. Leve o nosso amigo até o apartamento dela.

E, assim, recolhemos novo material precioso sobre Eurípedes Barsanulfo, sem que esperássemos!

Registremos, agora, o penúltimo trabalho dos Amigos Espirituais em favor do levantamento da vida material do Apóstolo de Sacramento.

Diversos entrevistados nos haviam dito ser importante o depoimento de Jerônimo Cândido Gomide; ex-discípulo de Eurípedes Barsanulfo, ele fora, também, um dos zeladores do Colégio Allan Kardec. Acresce, ainda, que sua esposa havia sido curada por Eurípedes. Mas, para chegar à cidadezinha de Palmelo, situada no interior de Goiás, tínhamos de fazer uma viagem muito penosa... Treze horas de ônibus até Goiânia e mais cinco até Palmelo. E já havíamos viajado tanto!

Uma viagem de dezoito horas, atravessando o dia e a noite... Seríamos compensados? Uma voz espiritual, então, nos disse:

— A colheita será boa...

Em vista da promessa fomos a Palmelo, a primeira cidade espírita no mundo, fundada em 13 de novembro de 1937 por Jerônimo Cândido Gomide, homem notável e que, então, contava com mais de oitenta anos de idade.

Ouvimos dele quatro casos rigorosamente documentados. E, das mãos de sua filha recebemos duas fotografias — uma de Eurípedes Barsanulfo, sem retoques, e outra mostrando o médium no dia de seu aniversário rodeado por mais de cem pessoas em frente à formosa gruta de Sacramento.

Dois dias depois seguimos para Goiânia. Dentro do ônibus, refletimos: "Valeu a pena a viagem. Mas, a colheita não foi tão boa..."

Evidentemente, nosso parecer estava sendo precipitado porque não havia a colheita, ainda, terminado... Em Goiânia fizemos, à noite, um programa doutrinário na TV-Anhanguera, Canal 2 e, no dia seguinte, pela manhã (meia hora antes de embarcarmos para São Paulo...) eis que a sra. Maria Antonieta Alessandri fez referência ao dr. Odilon José Ferreira, um ex-aluno de Eurípedes Barsanulfo... Apesar de dispormos, apenas, de meia hora insistimos em conhecê-lo. A sra. Alessandri atendeu-nos. E Odilon José Ferreira, ao saber que pretendíamos escrever a vida de Eurípedes Barsanulfo, saiu da sala de visitas e, segundos depois, voltou e entregou-nos duas folhas de papel, dizendo:

— São cartas de Eurípedes Barsanulfo! Conservo-as há mais de sessenta anos. Estão amarelecidas pelo tempo...

Duas cartas do próprio punho de Eurípedes Barsanulfo? Que preciosidade! Em uma das cartas fazia o médium de Sacramento um diagnóstico à distância.

— Fique com as cartas. Sei que estarão em boas mãos, disse ele, sorrindo.

Evidentemente, Odilon José Ferreira atendia à solicitação dos Espíritos. E, assim, trouxemos um tesouro para São Paulo(1).

Nossos Amigos Espirituais tinham razão. A longa viagem valera a pena. A colheita, em verdade, fora magnífica. Aquelas cartas...

Finalizemos, agora, registrando o último caso mediúnico implicado na elaboração deste livro.

Ora, em uma das viagens a Sacramento hospedamo-nos no Hotel do Comércio. Na primeira noite, quando já estávamos no quarto com a lâmpada apagada, à espera do sono, de súbito tivemos uma visão. Vimos uma perna coberta de feridas; uma perna destacada do corpo, muito nítida, as feridas avermelhadas...

Aquela visão só podia ter um significado; entre as pessoas que testemunharam curas mediúnicas de Eurípedes Barsanulfo, uma iria relatar-nos um caso de amputação de perna. Impossível outra interpretação.

Diversas semanas, porém, se passaram e...nada. Já havíamos

(1) Uma semana depois voltamos à Goiânia e Odilon José Ferreira relatou-nos sua vivência ao lado de Eurípedes. E nos cedeu um caderno onde anotara casos mediúnicos. Material excelente.

esquecido a visão, quando, em São Paulo, Adelino Ferreira (irmão de Amália Ferreira, a secretária de Eurípedes Barsanulfo) nos disse:

— Acabo de me recordar de um caso admirável. Você precisa anotá-lo. Viveu em Sacramento um senhor católico que teve problema sério com a perna. Trata-se do Major Antonio Goulart, pessoa muito respeitada na cidade. Apesar de católico praticante, o major procurou Eurípedes Barsanulfo e autorizou-o a cortar-lhe a perna gangrenada. A amputação foi feita. Minha irmã Amália, que servia, também, muitas vezes, de enfermeira, ajudou Eurípedes...

— Um momento! exclamamos.

E contamos a Adelino Ferreira a visão da perna amputada; visão premonitória que tivemos no quarto do Hotel do Comércio.

Foi a vez de Adelino Ferreira arrepiar-se.

— Pois quem construiu esse hotel, onde você teve a visão, foi a cunhada do Major Antonio Goulart. O hotel pertenceu à sra. Candida Goulart!(1)

Esclareçamos que a narração desses fenômenos mediúnicos deixa evidente que o levantamento da vida do apóstolo de Sacramento não foi trabalho do autor deste livro.

É possível que nesta obra faltem engenho e arte. Se, no entanto, o pensamento que a alma for água cristalina vertendo de página em página e capaz de revigorar a alma do leitor — ah! então, sim, teremos atingido o grande objetivo, que, em verdade, não foi outro.

JORGE RIZZINI

(1) A sra. Candida pertencia à família Vieira. Era irmã do prof. Teófilo Vieira e de Franklin Vieira que ocupou a presidência da Câmara Municipal, de Sacramento.

1.º capítulo

Passeio pela infância e adolescência

Não vos inquieteis pois pelo dia de amanhã, porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo.

(Mateus, 6-34)

Nos fins do século passado a pequenina cidade de Sacramento, em Minas Gerais, mal despontava para o progresso. A Estação da Estrada de Ferro Mogiana (ou Estação de Cipó, como era conhecida) distava catorze quilômetros do centro. Para um cidadão embarcar em um trem com destino a Franca ou Uberaba era, pois, obrigado, antes, a fazer uma viagem a cavalo que durava horas... As mercadorias, por sua vez, desembarcadas na Estação do Cipó, eram transportadas a Sacramento em carros puxados a boi. Esse percurso durava bastante tempo... e o comerciante pagava ao transportador dez réis por quilo de mercadoria — taxa considerada, então, elevadíssima...

Sacramento, nos fins do século passado possuía, apenas, um médico; o competente Jose Onofre Muniz Ribeiro, que por ser boníssimo não fez fortuna com a profissão... E havia uma só farmácia, a de propriedade de Manoel Gonçalves de Araujo, a quem o povo chamava de Manoel Gordo. Com seu desencarne a farmácia passou a ser administrada pelo filho, de nome Clemente, mas logo fechou as portas devido a uma tragédia: o infeliz Clemente desencarnara queimado com álcool. Duas parteiras serviam a cidadezinha: Isabel e a preta velha Ludovina, muito estimada pelo povo.

As ruas de Sacramento eram de terra e, à noite, algumas esquinas, apenas, possuíam lâmpões de querosene. Nas residências bem construídas era usado lâmpião a carbureto, eficiente e elegante e, nas humildes, lanterna de querosene ou vela...

Foi nesse ambiente humilde e pitoresco que nasceu no dia primeiro de maio de 1880 Eurípedes Barsanulfo. Nasceu o missionário, pois, no "Dia do Trabalho".

Foram seus pais Hermógenes Ernesto de Araújo e Jerônima



Dona Meca, progenitora de Eurípedes Baranuffo. Desencarnou com 93 anos de idade.

Pereira de Almeida; o pai, conhecido pelo apelido de "Seu" Mogico e a mãe pelo apelido de Dona Meca(1).

Casados em 1875, procriaram quinze filhos; Eurípedes Barsanulfo foi o terceiro. Com exceção de Heródoto, atingiram a idade adulta (2):

São eles (por ordem cronológica):

Maria Neomísia; Eulógio Natal; Eurípedes Barsanulfo; Wenefreda Dermencília; Watersides Wilon; Arísia Hermenencília; Odulfo Wardil; Eurídece Miltan; Eulice Dilan; Edalides Milan; Eridite Irany; Heródoto; Elith Irany; Homilton Wilson e Watevile Wilmann.

Sete homens e oito mulheres.

É pitoresco o fato de que "Seu" Mogico não pusesse nos filhos seu sobrenome e nem mesmo o de sua esposa. Interpelado, certa vez, respondeu com estas palavras proféticas:

— Ora, se um de meus filhos tornar-se famoso não trará complicações para os demais... Fiz isso por cautela...

E, realmente, seu terceiro filho, mais tarde, tornar-se-ia um médium notável, e seus irmãos nada sofreram com o fato; não obstante (acrecentemos) o processo ruidoso que se moveu contra Eurípedes Barsanulfo...

"Seu" Mogico e Dona Meca eram católicos (3) como, então, toda a pequena população de Sacramento... Assim, o menino Eurípedes Barsanulfo, como seus irmãos, foi levado à antiga Matriz, a fim de ser batizado pelo padre Manoel Rodrigues da Paixão. (4)

Não foi feliz a infância de Eurípedes Barsanulfo.

Certamente, quando criança, poucas vezes sorriu. Brinquedos de loja, ainda que baratos, jamais ele ganhou... As roupas eram escassas e precárias. Não possuía sapatos. Mal podiam seus pais comprar-lhe um par de chinelos. Além de muito pobres, "Seu" Mogico e Dona Meca não gozavam de boa saúde. Ele sofria do mal de béri-béri e ela de "ataques nervosos" — bastava uma notícia desagradável, uma emoção mais forte e Dona Meca, pálida, caía,

(1) Hermógenes Ernesto de Araujo nasceu na cidade de Uberaba (Est. de Minas Gerais) no dia 3 de agosto de 1856 e desencarnou em 20 de março de 1924, em Sacramento. Viveu, pois, 68 anos. E Jerônima Pereira de Almeida (Dona Meca) nascida em 11 de outubro de 1859, desencarnou em 29 de janeiro de 1952 com a idade de 93 anos.

(2) Heródoto desencarnou, aproximadamente, com oito meses de vida.

(3) "Seu" Mogico tinha um irmão, o padre Brunswick Casimiro de Araujo; tio, portanto, de Eurípedes Barsanulfo. Padre Brunswick não viveu em Sacramento.

(4) Padre Manoel Rodrigues Paixão — homem boníssimo, muito respeitado em Sacramento, fez-se padre quando enviuvou; era pai de muitas crianças.

desmaiada. E o próprio Eurípedes Barsanulfo, quando criança, passou a sofrer de maleita.

Vida difícil, a desse período.

E havia, ainda, a imensa prole a criar!

“Seu” Mogico vivia com a família nas proximidades da Estação da Estrada de Ferro Mogiana, onde, na firma “Borges, Lopes & Rezende” (armazem de secos e molhados) conseguira o cargo de gerente. O ordenado, porém, era pequeno e as dificuldades continuavam... O menino Eurípedes Barsanulfo, então, com apenas cinco ou seis anos de idade passou a colaborar com o pai no trabalho. Quase da altura do balcão, atendia os fregueses, fazia embrulhos e, às vezes, podia ser visto em frente à Estação de Cipó, mesmo nos dias de chuva, com os pés descalços no barro vermelho, tomando conta de cavalos ou bestas de carga; quando não carregando pesadas malas de viajantes comerciais. Recebia em troca moedas de cobre que eram colocadas, à noitinha, nas mãos de Dona Meca.

— É para a senhora, mamãe.

Até que, um dia, “Seu” Mogico, mais uma vez, transferiu a família para o centro de Sacramento, onde, com economias, e o auxílio de bons amigos, adquiriu uma loja de fazendas e miudezas em geral a qual deu o nome de “Casa Mogico” — construção antiga e ampla, servia ela ao mesmo tempo de loja e residência.

A vida, enfim, melhorava para o casal, não obstante o bérberi de “Seu” Mogico e a os “ataques nervosos” de Dona Meca. E o aumento da prole.

Aprendera Eurípedes Barsanulfo, com seis anos de idade, as primeiras letras na escola pública dirigida pelo professor Joaquim Araújo de Mello Júnior (“Seu” Tatinho) que era, também, maestro da banda da cidade. Com esse mestre aprendeu a ler e fazer contas. Em seguida, ingressou no Colégio Miranda, sob a direção do professor João Derwil de Miranda.

Sacramento não oferecia possibilidade maior à juventude estudiosa. E Eurípedes, desejoso de progredir, aventou a idéia de matricular-se em um colégio, em São Paulo ou na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, então capital do Império e onde se encontrava a Corte de D. Pedro II (a República estava em vias de ser proclamada...).

“Seu” Mogico, aceitou a idéia, mas, Dona Meca, só de pensar em separar-se do filho, a quem tanto amava, teve um “ataque nervoso” e perdeu os sentidos — e Eurípedes Barsanulfo continuou em

Sacramento, estudando na condição de autodidata. Possuidor de uma vontade férrea, e inteligentíssimo, com o auxílio do mestre Inácio Martins de Melo dominou o idioma francês, falando-o com desenvoltura. O prof. Inácio Martins de Melo, egresso de um seminário, chegara a Sacramento "triste, deprimido e envergonhado" (informou-nos Homilton Wilson, irmão de Eurípedes Barsanulfo) mas Eurípedes "o recebeu carinhosamente, como velho conhecido de existência anterior. Tornaram-se, nos estudos, companheiros inseparáveis, até o último instante."

Sua cultura avolumava-se, mesmo porque as mais importantes obras publicadas em qualquer língua eram traduzidas para o francês e Eurípedes Barsanulfo as recebia pelo reembolso postal das melhores livrarias do Rio de Janeiro(1), graças à compreensão e ajuda monetária de seu pai — um homem progressista.

"Seu" Mógico regozijava-se com a cultura do filho. E acabou por entregar a educação de outros filhos (mesmo a dos mais velhos) aos cuidados do próprio Eurípedes Barsanulfo, então um rapazinho. Confiou-lhe também a escrituração comercial de suas duas lojas; havia ele adquirido uma outra casa comercial na cidade vizinha de Conquista, distante poucos quilômetros de Sacramento e para onde Eurípedes Barsanulfo se dirigia toda quinta-feira, a cavalo.

Esse cargo de contador, ocupou-o Eurípedes Barsanulfo até o desencarne percebendo de seu pai o salário anual de um conto e quinhentos — dinheiro que jamais gastou, apenas, consigo próprio.

Jovem ainda, e preocupado em distribuir cultura ao povo, Eurípedes Barsanulfo, influenciado pela leitura de peças teatrais de autores clássicos, fundou um grupo teatral em Sacramento — o Grêmio Dramático Sacramentano, do qual faziam parte Leão Coelho de Almeida, seu ex-professor, Lafaiete Goulart, Ana Borges, entre outros entusiastas.

Os espetáculos se realizavam em um antigo casarão com a presença da sociedade sacramentana. A estréia de uma peça era um acontecimento na pequenina cidade... Peças, inclusive, de Shakespeare e Tasso e de difícil montagem eram representadas pelo grupo e... obtinham sucesso!

(1) Eurípedes Barsanulfo só uma vez visitou o Rio de Janeiro (em companhia de seu pai) de onde trouxera livros. É possível que haja ido com a intenção de matricular-se na Faculdade de Medicina. Visitou, também, uma vez só Franca, cidade vizinha! E nunca mais saiu de Sacramento...

Às vezes, como é natural em grupos de amadores, coisas imprevisíveis aconteciam no palco e o público, ao invés de chorar em uma cena de intensa dramaticidade, ria...

Ora, nessa época distante, nas cidades do interior não permitiam os pais que as filhas representassem... Assim, eram os papéis femininos interpretados por atores, o que, vez ou outra, ocasionava fiascos. Certa feita, havia o grupo dirigido por Eurípedes Barsanulfo anunciado a estréia do drama "Restauração de Portugal". Odilon José Ferreira, seu afilhado e que mais tarde se tornaria odontólogo, fez o "Conde de La Puebla"; Leônidas Campos, que se formaria em Direito, o papel de "Álvaro"; e José Rezende da Cunha (então, com catorze anos de idade e que viria a casar-se com Edalides, uma das irmãs de Eurípedes Barsanulfo) o papel de "Maria de Vilhena".

De lado as tramas políticas, a parte amorosa da peça era simples; Maria de Vilhena amava Álvaro e detestava o Conde, seu apaixonado. O Conde, repudiado por Maria, teria de envenená-la à força...

Nos ensaios tudo correu bem. O texto bem decorado, as marcações perfeitas. Mas, no dia do espetáculo inaugural, duas senhoras da sociedade caracterizaram José Rezende da Cunha como "Maria de Vilhena", colocando-lhe um espartilho, apertadíssimo, cujas pontas de metal das barbatanas machucavam-lhe as coxas. Ora, em dado momento, José Rezende da Cunha teria de cair, envenenado. E aquelas pontas de metal, terríveis, talvez lhe perfurassem as duas coxas na queda...

Odilon José Ferreira, no papel de "Conde de La Puebla", tomou-o, então, nos braços, e fê-lo engolir o "veneno" — mas, "Maria de Vilhena", teve medo das pontas das barbatanas, e, ao invés de deixar-se cair, apenas ameaçou...

O povo começava a rir.

Eurípedes Barsanulfo, que era o ponto, ordenou em voz baixa:

— Cai, Maria... Cai, Maria...

E José Rezende da Cunha não caía.

Eurípedes Barsanulfo, então, ordenou com energia:

— Cai, Maria! Cai, Maria!... Cai logo...

E, com muito jeito José Rezende da Cunha foi caindo, devagarinho, as pontas de metal picando-lhe as coxas... Conseguiu

cair sentado! O povo ria a não poder mais. E bateu palmas! O drama transformara-se em comédia, engraçadíssima. Houve até quem pedisse bis... (1) que não foi concedido.

A adolescência, Eurípedes Barsanulfo viveu-a, assim, dentro de um clima sadio. Jamais participou da ruidosa boemia dos jovens. Nunca fumou e jamais experimentou bebidas alcoólicas.

A par da aguda inteligência, tendo sob sua responsabilidade a formação cultural de seus irmãos, era Eurípedes Barsanulfo também dotado de uma bondade comovedora; bondade banhada de religiosidade. Extravasava seu sentimento religioso na igreja (ajudava, aos domingos, o padre Paixão na parte litúrgica) e entre as famílias paupérrimas de Sacramento distribuindo palavras de fé e consolo — e a maior parte do salário que percebia de seu pai...

Espírito evoluído, afeiçoava-se a todos; inclusive, aos animais e pássaros. Seu coração era uma fonte de bondade, e nesta frase não entra o menor resquício de exagero! Para que se tenha uma idéia de sua sensibilidade afetiva, narremos um fato como ilustração — apenas um.

O jovem Eurípedes Barsanulfo possuía no quintal um belo pássaro; um mutum, muito manso e que vivia solto. Um dia, ele voou para o quintal do coronel José Afonso de Almeida, que o matou com um tiro no peito e o comeu. Mais tarde, sabendo que o pássaro era de propriedade de Eurípedes Barsanulfo, o coronel procurou-o, a fim de desculpar-se.

Eurípedes Barsanulfo recebeu a notícia com lágrimas nos olhos.

(1) De vários depoimentos.

2.º capítulo

A juventude luminosa

Qualquer que procurar salvar a sua vida perde-la-á, e qualquer que a perder salva-la-á.
(Lucas, 17-33)

Fizemos notar no capítulo anterior algumas características da personalidade de Eurípedes Barsanulfo. Acrescentemos outras, a fim de que o leitor o identifique melhor.

Eurípedes Barsanulfo nunca faltou a um compromisso e era escravo do relógio: nas reuniões foi sempre o primeiro a chegar.

Seu tratamento com o próximo revestia-se, sempre, da maior dignidade. Para Eurípedes Barsanulfo, brancos e negros, pobres e ricos, eram iguais. E a todos tratava de "senhor" ou "senhora"; inclusive, a seus próprios irmãos, irmãs e alunos.

Essa dignidade transparecia em seu modo de trajar. Usava sobrecasaca que lhe descia até os joelhos, colarinho alto e engomado, gravata borboleta, chapéu coco — roupas da época, que suas irmãs Edirite e Maria Neomísia mantinham sempre muito limpas. E era, constantemente, visto com um guarda-chuva. E, característica de sua personalidade admirável, nunca abria o guarda-chuva, se ao seu lado estivessem amigos desprevenidos, a fim de não ficar em situação privilegiada...

Moço culto, educado e bem apessoado, evidentemente, os parentes, vez ou outra, falavam-lhe em casamento, lembrando moças da sociedade(1)... Eurípedes Barsanulfo, então, com um sorriso nos lábios, respondia;

— Casar? Não posso... Já estou casado com a pobreza!

E, em verdade, já havia contraído compromisso com a pobreza de Sacramento, pois antes de completar os vinte anos de idade fora co-fundador da Irmandade de São Viente de Paulo (ins-

(1) Entre as moças que sonhavam casar com Eurípedes Barsanulfo destacava-se Maria Gonçalves dos Santos, então com dezesseis anos de idade e sua aluna brilhante (mais tarde ela faria parte do corpo de professores do Colégio Allan Kardec). Certa vez, durante a aula, Eurípedes captou-lhe o pensamento e disse:

— Senhorita Maria Gonçalves, não convém pensar em casamento... Eu desencarnarei solteiro e a senhorita, também. Não continue, pois, com essas divagações românticas...

Maria Gonçalves dos Santos, conhecida por "Negrinha" devido ao seu nariz, resignou-se. E a profecia cumpriu-se: desencarnaram ambos solteiros.

tuição católica com o objetivo de beneficiar os pobres) e, mais ainda, havia, com menos de dezoito anos de idade, montado em sua própria residência uma pequenina farmácia homeopática (1) a fim de curar os enfermos dos arredores da cidade que viviam em casbres miseráveis...

A instalação da farmácia homeopática a serviço dos pobres e as suas visitas quase diárias às favelas de Sacramento eram evidentes sintomas de que, em breve, Eurípedes Barsanulfo iria revelar-se médium curador. E mais: que sua conversão ao Espiritismo seria fácil. Eurípedes Barsanulfo, sem o notar, já procedia como um autêntico espírita, não obstante católico praticante! Mas, não podia ele, ainda, ser despertado para as grandes realidades do mundo espiritual, e, sem deixar transparecer, os Espíritos Guias trabalhavam sua mediunidade, que iria revelar-se poderosíssima... Entre esses Espíritos encontrava-se o Dr. Bezerra de Menezes, o médico dos pobres. Os espíritos, pois, semeavam em sua alma, cientes de que o tempo era fator importante para a colheita generosa... De nada o apóstolo suspeitava, até então; todavia, como iria modificar-se o seu destino! Que missão extraordinária iria desempenhar junto ao povo, abrindo novo horizonte espiritual no Brasil Central!

Eurípedes Barsanulfo continuava firme no propósito de bem servir a coletividade; quer no campo da cultura (como diretor do grêmio lítero-musical sacramentano) quer no divino campo da caridade, visitando os aflitos, distribuindo remédios, resolvendo problemas alheios, repartindo seu salário entre os mais necessitados.

Pretendia, agora, prestar mais um serviço de utilidade pública — dotar a cidadezinha de um jornal semanal. Instruir o povo de todas as formas, era seu lema. E, aos vinte e um anos de idade (1901) lançou a "Gazeta de Sacramento", juntamente com o sergipano Dr. João Gomes Vieira de Melo (promotor público) e o Dr. Pedro Salazar Moscoso da Veiga Pessoa. Por dois anos Eurípedes Barsanulfo publicou artigos nesse bem feito semanário, abordando os mais variados assuntos, inclusive, literários.

Suas realizações em prol do povo, nessa época, não cessavam. E, com apenas vinte e dois anos de idade, em companhia de

(1) A título de curiosidade, informamos que o primeiro livro homeopático lido por Eurípedes Barsanulfo ele o tomara emprestado da sra. Mariana de Carvalho. Esse livro o levou a montar a pequena farmácia. E a primeira pessoa atendida foi a menina Adevíta; estava com tifo e desenganada pelos médicos. Mais tarde, já moça, casou e Eurípedes Barsanulfo fez-lhe o parto. Mais detalhes sobre o caso de Adevíta encontram-se no 6.º capítulo.

Teófilo Vieira, Dr. João Gomes Vieira de Melo, Dr. Pedro Salazar Moscoso da Veiga Pessoa, prof. Inácio Martins de Melo, José Martins Borges, José Monteiro, mais o padre Pedro Ludovico de Santa Cruz, intelectuais da cidade, Eurípedes Barsanulfo funda o Liceu Sacramentano, cujas portas se abriram em 31 de janeiro de 1902, e que por cinco anos tantos benefícios trouxera à juventude de Sacramento, então carente, totalmente de escolas com os cursos médio e superior.

Eurípedes Barsanulfo fez-se professor de Francês e Geografia, revelando-se um mestre ideal, graças à psicologia por ele aplicada na esplanção das matérias — e, desde então, nunca mais deixou de lecionar, pois compreendia que a transmissão de cultura às crianças e jovens era, antes de tudo, uma missão evangélica.

Sua folha de serviços altruísticos ampliava-se, e, todavia, era ainda um jovem... Como consequência natural, seu nome alastrava-se por toda a cidade; inclusive, pelos arrabaldes mais distantes de Sacramento, onde os ricos não iam e a pobreza caminhava passo a passo com a enfermidade, exigindo de sua parte um esforço cada vez maior.

A vida, Eurípedes Barsanulfo a doara, generosamente, ao povo. E, assim, sentia-se realizado. Antes de ser espírita, portanto (frizemos) já era ele um missionário! Enviado dos Mundos Superiores, não entraria Eurípedes Barsanulfo para o Espiritismo através da dor — e, sim, para divulgá-lo em sua pureza doutrinária, através, inclusive, de exemplos luminosos que nos enchem de admiração.

Amado pelo povo, muitas vezes foi ele solicitado pelos velhos políticos de Sacramento, a fim de ser um de seus pares. Ofereciam-lhe a Vereança... Eurípedes Barsanulfo, sempre amável, recusava, porém, o convite. As rivalidades ideológicas, as intrigas, o ódio minando políticos exaltados, esse clima denso de vibrações negativas, fatalmente, iria ocasionar-lhe mal-estar. "Seu" Mógico, porém, na qualidade de assistente, participava ativamente da vida política... Gostava de discuti-la. Ao ter notícia do convite mostrou-se alegre com a possibilidade de ver o filho vereador. Insistia para que Eurípedes Barsanulfo se tornasse líder político...

— Aceite o convite, meu filho. É honroso para nós! E você pode fazer carreira... chegar a prefeito!

— Não nasci para a política, meu pai... Minha mente está dirigida em outro sentido... Meu coração, o senhor bem o sabe, está

voltado para os pobres e infelizes. Depois, só em pensar nas brigas políticas na Câmara Municipal, sinto-me mal, acredite...

— Ninguém nesta cidade tem mais prestígio popular que você; nem mesmo o coronel José Afonso de Almeida, presidente da Câmara Municipal. Você ganhará facilmente as eleições! Faça a vontade de seu pai... Candidate-se... Sei que quer fazer o bem ao próximo; compreendo isso e estou de acordo. Nunca o recriminei por estar, constantemente, nos casebres da cidade, distribuindo remédios, roupas e até o ordenado que lhe dou... Pois bem! Você poderá fazer ainda mais pelo povo de Sacramento na condição de vereador! Pense nisso, meu filho.

"Seu" Mogico tinha razão A política, usada no sentido cristão, é instrumento de progresso coletivo. E Eurípedes Barsanulfo, instado, também, pelos vereadores João da Matta e Silva e José Martins, seus amigos, acabou por aceitar o convite.

E em 1902 tornou-se vereador na Câmara Municipal de Sacramento(1).

Eurípedes Barsanulfo, agora, ocupava quatro postos de muita responsabilidade — o de jornalista, o de vereador, o de professor no Liceu Sacramento e o de secretário da Irmandade de São Vicente de Paulo.

Tinha, então (repitamos) tão somente vinte e dois anos de idade.

Sua vida manter-se-ia nesse ritmo até os vinte e cinco anos de idade; até, pois, 1905, ano em que a Espiritualidade lhe marcara um encontro com a Doutrina Espírita.

(1) Seu mandato durou, aproximadamente, seis anos, tendo colaborado com denodo para o progresso material da população — força, luz, água encanada, etc.

3.º capítulo

A explosão mediúnica

*Eis que adiante de tua face envio o meu anjo que
preparará adiante de ti o teu caminho.*

(Mateus, 11-10)

Antes de Eurípedes Barsanulfo converter-se ao Espiritismo alguns parentes seus realizavam sessões mediúnicas em Santa Maria, lugarejo que distava catorze quilômetros do centro de Sacramento — uma região montanhosa com terra vermelha e algumas casas rústicas...

As sessões em Santa Maria eram realizadas na casa de Honorato Ferreira da Cunha (tio de Eurípedes Barsanulfo) situada na Fazenda Santa Maria, de propriedade do capitão Joaquim Gonçalves de São Roque e sua esposa Ana Petronilha de Araujo; tios de "Seu" Mógico e, pois, tios-avós de Eurípedes.

No dia 28 de agosto de 1900, porém, foi fundado pelo grupo o Centro Espírita "Fé e Amor" que tinha como médiuns Joaquim Gonçalves de São Roque (médium de efeitos físicos e responsável principal pelas sessões com a "mesa girante"); José Ferreira da Cunha (médium vidente); João Cândido (médium passista e receitista); Luiz Ferreira da Cunha e João Pereira de Almeida (médiuns curadores); Mariano da Cunha Junior (médium receitista mecânico e de efeitos físicos); Jason Ferreira da Cunha e Aristides de Oliveira, dois caboclos analfabetos que trabalhavam na fazenda e dotados de várias mediunidades. Participava, também, das sessões a madrinha de Eurípedes, a sra. Emerenciana Euzébia de Mendonça (a bondosa dna. Sana), médium de efeitos físicos e cura — entre outras senhoras. Quase todos os participantes, pois, tinham parentesco entre si(1).

O Centro Espírita "Fé e Amor" (a primeira instituição espírita daquela região) estava sob a direção segura do médium passista Delfim Pereira da Silva e atendia, gratuitamente, os enfermos com

(1) Do depoimento de Ranulfo Gonçalves da Cunha, filho de Mariano da Cunha Júnior.

uma farmácia homeopática. As receitas eram psicografadas por João Candido e Mariano da Cunha Junior(1).

As sessões, ricas de fenômenos eram assistidas por lavradores das redondezas e suas famílias. É digno de registrar-se, também, que eram assistidas, não obstante a distância, por algumas pessoas residentes em Sacramento, entre as quais Frederico Peiró e os irmãos Abdon Alonso e Maximino Alonso: três irmãos espanhóis que muito fizeram pela divulgação do Espiritismo e edificação de instituições espíritas, dentro e mesmo fora de Sacramento; principalmente, Peiró, cujos rastros espíritas podem ainda ser encontrados na Estação de Paineiras (hoje, Peirópolis, em homenagem ao seu trabalho em prol do desenvolvimento do lugar), Sacramento, Santa Maria, Mangabeira e Uberaba(2).

Eurípedes Barsanulfo, até então, não procurava inteirar-se a fundo do que sucedia em Santa Maria. Ouvia, apenas, falar que inúmeros parentes seus haviam se tornado espíritas; inclusive, um irmão de sua mãe, o João Pereira de Almeida.

Entre os parentes convertidos à Doutrina Espírita havia um, porém, a quem Eurípedes Barsanulfo dedicava especial afeição — seu tio Mariano da Cunha Júnior, homem sem cultura, porém, inteligente e bom. Fora materialista, mas havia desenvolvido a mediunidade e agora transferira-se para Santa Maria... Sempre que vinha a Sacramento hospedava-se em casa de “Seu” Mógico e Eurípedes lhe cedia o quarto e a cama de ferro. Quando soube que o tio se convertera ao Espiritismo, difamado pelo clero como a “doutrina de Satanás” (...), Eurípedes Barsanulfo, muito católico, lhe disse:

— O senhor, que foi materialista, está agora ligado a essa doutrina... Como foi isso possível?

Mariano da Cunha Júnior, que por estranha coincidência trazia na mão a obra de León Denis, “Depois da Morte”, respondeu, tranquilamente:

(1) Mariano da Cunha Júnior (Sinhô Mariano) o introdutor de Eurípedes Barsanulfo no Espiritismo, nasceu em Sacramento no dia 19 de novembro de 1875 e desencarnou em 27 de abril de 1949, na Fazenda Santa Maria. Foi a partir de 1898 que começou a assistir os trabalhos mediúnicos em Santa Maria, tendo sido um dos fundadores do Centro Espírita “Fé e Amor”. Era casado com Herondina Djanira da Cunha, uma das primeiras senhoras espíritas de Sacramento.

(2) Frederico Peiró nasceu em Linares, na Espanha. Rapazinho ainda emigrou para a Argentina (Buenos Aires) onde viveu dois anos; em 1892 passou a residir em Uberaba, nunca mais saindo do Brasil. Tornou-se espírita em 1893, quando assistiu em Uberaba sessões em casa do advogado Cel. Antonio Cesário da Silva Oliveira. Possuidor de sensibilidade artística, tinha vocação para a pintura. Casou-se em 1902 com Maria Mendonça Rezende, natural de Sacramento e também espírita. O casal teve cinco filhos. Frederico Peiró desencarnou em 1914 e existe descendência sua em Peirópolis.

— Coisas do destino, meu sobrinho... Pouco entendo de Espiritismo para poder responder certo a você, que é moço culto e inteligente. Mas, já que gosta tanto de ler, trago aqui um livro que lhe recomendo... Leia com atenção e veja se o Espiritismo é doutrina de Satanás... Esse livro não põe a gente louco, não... acrescentou Mariano da Cunha Júnior, enquanto sorria e entregava o livro ao sobrinho.

Eurípedes Barsanulfo pegou a obra, folheou-a e leu ao acaso as seguintes palavras de León Denis:

"Aos nobres e grandes Espíritos que me revelaram o mistério augusto do destino, a lei do progresso na imortalidade, cujos ensinamentos consolidaram em mim o sentimento da justiça, o amor da sabedoria, o culto do dever, cujas vozes dissiparam as minhas dúvidas, apaziguaram as minhas inquietações; às almas generosas que me sustentaram na luta, consolaram na prova e elevaram meu pensamento até às alturas luminosas em que se assêsta a Verdade, eu dedico estas páginas."

— Curiosa, esta dedicatória, observou Eurípedes Barsanulfo, olhando o tio.

E passou a noite inteira lendo o livro de León Denis.

Admirou-lhe o estilo fluente, sonoro, elegante; surpreendeu-se com os conceitos filosóficos sobre a Vida e a Morte, que lhe pareceram absolutamente corretos; encontrou na reencarnação a única explicação racional para os desequilíbrios físicos, morais e sociais. O destino do ser humano além-túmulo não mais lhe era uma esfinge indecifrável...

O livro luminoso de Denis era uma revelação fantástica! Escrito com uma lógica de ferro, quem poderia, sem sofismas, refutá-lo?

A Doutrina Católica parecia-lhe, agora, comparada à Doutrina Espírita, como que um conto de carochinha... E Eurípedes Barsanulfo, ao devolver a grande obra a Mariano da Cunha Júnior, disse:

— Meu tio, por essa eu não esperava! De fato, este livro é um monumento!

— Fique com ele. É um presente.

E Eurípedes Barsanulfo releu-o — agora, com mais vagar.

A segunda leitura lhe fez vibrar a alma, ainda mais. Quando pegara a obra pela primeira vez achara que não conseguiria ultrapassar as páginas iniciais; no entanto, lera as quatrocentas páginas. A segunda leitura consolidou a primeira impressão e, o que lhe parecia estranho, é que havia aceitado com naturalidade os princípios espíritas; aceitara-os sem lhes opor nenhuma bar-

reira! Agora, para continuar na Doutrina Católica só havia um meio — provar que o fenômeno espírita não existia e que, portanto, o livro de León Denis não passava de devaneios filosóficos, não obstante a lógica.

Dias depois, Mariano da Cunha Júnior voltou a Sacramento e disse a Eurípedes Barsanulfo:

— Você precisa ir a Santa Maria e ver os espíritos se comunicarem, através, inclusive, de uma mesinha de tres pés... Temos recebido mensagens muito belas.

— É o que a bondosa tia Sana me tem dito. Pois aceito seu convite! Gostei do livro de León Denis, li-o duas vezes; mas, agora, quero os fatos. A prova de que a verdade está com a Doutrina Espírita, que me parece extraordinariamente evangelizada.

— Quando quer ir?

— Podemos marcar a visita para a próxima semana.

— Vai ficar admirado quando ouvir o Jason ou o Aristides, em transe, comentar as parábolas do Evangelho. Coisas notáveis vai ver em Santa Maria!

E Eurípedes Barsanulfo e Mariano da Cunha Júnior, dias depois, seguiram a cavalo para Santa Maria, conversando sobre os diversos aspectos da Doutrina dos Espíritos.

Quando chegaram, já a enorme porta rústica da casa de Honorato Ferreira da Cunha havia sido retirada do batente e colocada sobre dois cavaletes, no meio da sala, servindo de mesa.

A sessão teve início com uma sentida prece feita por Delfim Pereira da Silva, que dirigia os trabalhos. Mariano da Cunha Júnior entrou em transe e o espírito Dr. Bezerra de Menezes disse, após cumprimentar os presentes:

— Enfim, Eurípedes Barsanulfo, você está entre nós. Louvado seja Deus! Alegre-se, meu filho, porque sua hora é chegada. Há entre nós um espírito de alta hierarquia que deseja falar-lhe... Devo retirar-me...

E, em seguida, manifestou-se através de Mariano da Cunha Júnior outra entidade.

“Quem será?” — pensou Eurípedes Barsanulfo.

O espírito captou-lhe o pensamento.

— Sou o seu Espírito Protetor.

— Como se chama?

— Em minha última existência na Terra deram-me o nome de Vicente de Paulo.

— São Vicente de Paulo?

— Sim. Eu e você, Eurípedes, somos amigos de outras vidas. Oh, sim, de muitas vidas! Você já foi em França eclesiástico, médico e professor... E tem agora uma missão importante a realizar no Brasil. Lendo o livro de León Denis recordou ensinamentos... Sabe agora que a Verdade, pregada por Jesus, não se encontra na Doutrina Católica. Pois bem, meu filho. Apesar da Irmandade de São Vicente de Paulo ter o meu nome afaste-se dela. É o meu primeiro conselho. Não esconda sua nova posição religiosa; pelo contrário, propague-a aos quatro ventos, é meu segundo conselho. Nada tema porque eu o assisto desde seu nascimento.

— Que missão cumprirei? perguntou Eurípedes Barsanulfo entre surpreso e comovido.

— Os Espíritos do Senhor realizarão com você diversos trabalhos. A Caridade, meu filho, é a nossa bandeira. O trabalho principal será o de curar e Bezerra de Menezes o auxiliará nesse setor. Tudo está planificado e Jesus, em verdade, é quem nos dirige.

São Vicente de Paulo retirou-se e, de súbito, Jason mergulhou em transe inconsciente e um Espírito Protetor, falando com muita desenvoltura, exortou o amor ao próximo; a mensagem foi transmitida em francês. Em seguida, entrou em transe o caboclo Aristides e foi feita uma esplanção de grande beleza sobre o Sermão da Montanha — exatamente o trecho do Evangelho que Eurípedes Barsanulfo, até então, não havia apreendido o significado mais profundo.

Não esperava Eurípedes Barsanulfo defrontar-se com tantas maravilhas espirituais; outras, porém, lhe estavam reservadas. E viu a mesa de três pés transmitir mensagens filosóficas através de batidas e caminhar sem contacto pela sala; inclusive, subir e descer degraus... Ouviu vozes que pareciam vir ora do teto, ora das paredes, às vezes bem próximas de seus ouvidos. As provas da comunicação dos espíritos multiplicavam-se naquela noite generosa. E Eurípedes Barsanulfo, mentalmente, fez uma prece. E percebeu, de súbito, que seu espírito se desprendia do corpo... Quis avisar Mariano da Cunha Júnior, mas não pôde — sentia-se flácido, tonto, era-lhe impossível articular palavra.

Apoiou, pálido, a cabeça sobre a mesa e, por fim, entregou-se, o pensamento ainda esforçando-se por concentrar em Jesus — e seu espírito deixou o ambiente durante longos minutos, enquanto Delfim Pereira da Silva dava passes em seu corpo inerte...

O que viu no mundo espiritual, por uma questão de humildade, Eurípedes Barsanulfo não contou a ninguém...

É notável o fato de que nessa noite revelara eles vários dons mediúnicos que haveriam, mais tarde, de ampliar-se; vidência, audição, psicofonia, psicografia, efeitos físicos, cura, bi-corporeidade...

Terminada a sessão, Eurípedes Barsanulfo lembrou-se da mensagem sobre o Sermão da Montanha e, abraçando Mariano da Cunha Júnior, pediu-lhe perdão...

— Perdão, de quê? Você nunca me ofendeu. É um moço de grande coração!

— Muitas vezes, tio, eu o ironizei... quando se converteu ao Espiritismo... Diga que estou perdoado...

— É claro que sim.

E Eurípedes Barsanulfo pediu que Mariano da Cunha Júnior, imediatamente, o acompanhasse à casa de Carlos.

— E por que quer ver o Carlos? Ir à casa dele, tão tarde? Teremos de caminhar pelo mato uns dois quilômetros...

— Preciso... Depois de tudo o que ouvi na sessão não dormirei sossegado se não for... Acompanhe-me, tio...

E, cada qual com uma lanterna de querosene caminharam dentro da noite.

Carlos morava em um casebre. Eurípedes Barsanulfo bateu na porta. Carlos, assustado, veio atender, segurando uma vela. Estava muito doente.

Eurípedes Barsanulfo, então, teve um gesto surpreendente: abraçou-o, disse-lhe palavras de conforto, recordou-lhe passagens do Evangelho, beijou-o na face e nas mãos. E tomou o caminho de volta.

— Bem, agora estou satisfeito, tio!

— Como disse São Vicente de Paulo, você deve ser um missionário... Teve coragem de beijar um leproso...

— Muitas vezes pensei em vir a Santa Maria para visitar o Carlos. Mas, eu temia aquelas chagas no rosto e nas mãos. Mas, agora está tudo bem!

A conselho dos Amigos Espirituais Eurípedes Barsanulfo não regressou a Sacramento, na manhã seguinte, conforme desejava; devia ele demorar-se alguns dias em Santa Maria, a fim de recuperar a energia gasta na fantástica noite mediúnica — noite que ele, jamais, esqueceria!

4.º capítulo

A sociedade rebelde

Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem, e, mentindo, falarem todo o mal contra vós por minha causa.

(Mateus, 5-11)

Eurípedes Barsanulfo regressara a Sacramento renovado; não com a alma mais evoluída, pois desde rapazinho punha em prática os ensinamentos de Cristo — na assistência aos pobres; no alívio aos enfermos que habitavam os escuros casebres; na esperança que transmitia aos aflitos e desesperados; no amor e respeito ao próximo; na sábia pregação cultural aos jovens no Liceu Sacramento; na dignidade com que desempenhava seu mandato na Câmara Municipal, elaborando projetos capazes de beneficiar a coletividade.

Regressara com a alma renovada porque conhecia agora, de maneira racional, a posição exata do ser humano perante os universos material e espiritual. À luz cristã da Doutrina Espírita e com o vigoroso apoio de seus Guias Espirituais, ah! com que amor iria agora ele dedicar-se ao exercício mediúnicamente em favor do próximo! Mais alguns dias e o fogo sagrado do Espiritismo iluminaria todo o Brasil Central...

Antes, porém, deveria afastar-se da Irmandade de São Vicente de Paulo; em obediência, aliás, ao próprio Vicente de Paulo. E Eurípedes Barsanulfo, munido de documentos pertencentes à Irmandade foi à Igreja-Matriz ver o padre Antonio Teodoro da Rocha Maia. Devolveu-lhe a papelada e, com bondade — como era de seu costume, disse que não mais poderia continuar na instituição, pois havia abraçado a Verdade dentro do Espiritismo.

O padre levou um choque.

— Você está louco, Barsanulfo? Deixar a doutrina de Deus pela do diabo! O que houve? Um homem de cultura meter-se com Satanás! Está endemoninhado?

Eurípedes Barsanulfo não respondia. E ouviu todas as palavras ofensivas com profunda humildade. À despedida, porém, disse:

— Deixo o Catolicismo, é verdade, padre Maia, mas o senhor pode ter a certeza de que continua a ter em mim o mesmo amigo.

E saiu da igreja.

Em menos de meia hora toda a cidade seria sacudida com a novidade; o próprio padre Maia incumbir-se-ia de divulgá-la, taxando Eurípedes Barsanulfo de “endemoninhado”...

Bem, havia deixado a Irmandade. Agora chegara o momento mais difícil e que, filho extremoso, temia — dar a notícia aos seus pais.

Falou, primeiro, com sua mãe, católica praticante. Expôs-lhe de maneira simples a Doutrina Espírita, ressaltando as ligações com o Cristianismo. Dona Meca, na sala, ouvia a pregação do filho sem entendê-lo muito bem. Quando, porém, Eurípedes Barsanulfo disse que se tornara espírita, como, aliás, outros parentes seus, Dona Meca ficou pálida, quis falar e não pôde — caiu desmuida no assoalho...

Eurípedes colocou-a sentada em uma poltrona e, ao reanimá-la notou ao lado de sua mãe um espírito sombrio — os “ataques nervosos” de Dona Meca, estavam, agora explicados... Era ela médium e não sabia.

A conversão de Dona Meca não foi difícil. Conhecia bem a cultura do filho: ele não poderia estar errado em admitir que o Espiritismo era o Cristianismo autêntico, que o clero havia deturpado ao longo dos séculos. E, com mais algumas explanações Eurípedes Barsanulfo trouxe sua progenitora para a Doutrina Espírita, libertando-a, inclusive, da entidade sombria que lhe provocava os ataques, desde menina. A sessão em seu favor fora realizada em sua própria casa; Mariano da Cunha Júnior recebera o espírito obsessivo, e Eurípedes Barsanulfo e Delfim Pereira da Silva o doutrinaram. E Dona Meca, nas sessões posteriores desenvolveu sua mediunidade — cura e vidência. E, a partir de então, não mais se viu em sua residência crucifixos e quadros com santos pendurados nas paredes. Eurípedes Barsanulfo retirou-os.

“Seu” Mógico, também, recebera com impacto a notícia da conversão do filho; não porque fosse católico, mas porque Eurípedes seria ridicularizado pela sociedade.

— Ainda ha tempo de voltar atrás, disse, austero, ao filho. Volte a falar com padre Maia. O Espiritismo é doutrina de loucos... Pelo menos, é o que dizem! A esta hora, certamente, já toda a cidade sabe de sua conversão...

— Meu pai, respondeu Eurípedes Barsanulfo, carinhoso. O Espiritismo pode curar, inclusive, os loucos... Nunca o desobedecei; mas, em termos de religião não posso ceder. Está no Evangelho de Jesus: todo aquele que não deixar pai e mãe por amor a mim, não é

digno de mim. Perdoe-me, mas vi a verdade na Fazenda de Santa Maria e não posso renegá-la!

“Seu” Mógico não entendia de religião; certamente, o filho, inteligente e culto tinha fortes razões para romper com a Igreja(1). Mas, de início não lhe deu apoio moral; em casa (bem entendido) que na rua ou na loja não admitia que ninguém criticasse Eurípedes.

— Você é mais culto que meu filho? Mais inteligente? Trata dos pobres e dos sofredores? Então, com que autoridade o critica?

E, assim, “Seu” Mógico, ao defender o filho propagava o Espiritismo...

Semanas depois, o pai de Eurípedes Barsanulfo iria, inclusive, colocar à venda em suas lojas todos os livros de Allan Kardec...

Eurípedes Barsanulfo, embora atacado pelos padres e ridicularizado pelos beatos de Sacramento, não escondia sua nova religião. Propagava-a na “Zagáia”, o bairro mais necessitado da cidade. No fim da rua do Rego (2) abria-se um pequeno largo descampado onde estavam fincadas três cruces, simbolizando as do Calvário. Nesse largo, em cima de uma grande pedra, uma vez por semana Eurípedes Barsanulfo pregava a Doutrina Espírita ao povo — mesmo em noite de chuva. Ia a pé e sozinho. Primeiramente, abria o “Evangelho Segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec, e lia um trecho. Em seguida, tecia comentários e sua voz ardente, aos poucos, ia ganhando altura à medida em que a emoção aumentava sob o influxo de São Vicente de Paulo ou Santo Agostinho — espíritos que faziam parte da falange do Espírito de Verdade. Essas pregações convertiam e, ao fim de algumas semanas a maioria dos moradores das redondezas acorria ao largo das três cruces para ver e ouvir o tribuno luminoso.

Notavam os padres que as igrejas, nem mesmo aos domingos ficavam repletas... E redobram no púlpito a campanha de descrédito contra Eurípedes Barsanulfo. O médium, todavia, jamais erguia a voz contra os opositores ferrenhos, embora houvesse lido o livro “O Papa e o Concílio”, prefaciado por Rui Barbosa, recentemente editado e que punha em evidência as ignomínias clericais do passado... E, na noite de 27 de janeiro de 1905, em sua residência à rua Visconde do Rio Branco, fundou um centro espírita que tomou o nome de Grupo Espírita “Esperança e Caridade”, aten-

(1) Pensamento de Eurípedes Barsanulfo sobre a Igreja: “Coisa singular: desde a infalibilidade dos papas vê-se a Igreja como que atirar-se em um despenhadeiro de cabeça para baixo...”

(2) A rua passou a chamar-se “Eurípedes Barsanulfo”.

dendo sugestão do espírito Bittencourt Sampaio. Eurípedes Barsanulfo foi eleito presidente (1) e seu irmão Watersides Willon, que estudara no Colégio Diocesano de Uberaba, secretário. Do grupo fazia parte, aliás, quase toda a família de Eurípedes; inclusive seus pais.

Como era de esperar-se as trevas rebelaram-se com a fundação do primeiro centro espírita em Sacramento e muitas mensagens abonadas com a assinatura de vultos históricos foram psicografadas — mas, Eurípedes Barsanulfo, já um profundo conhecedor da Doutrina Espírita, jamais as tomou a sério. Quem nos informa é seu irmão Homilton Wilson em documento que redigiu (e cuja cópia nos cedeu), a propósito do “Livro de Mensagens do Grupo Espírita Esperança e Caridade”, que, esperamos, não venha a ser editado. Essas mensagens perniciosas, pretendendo ser resplandecentes, nada mais eram do que, de acordo com Homilton Wilson, “um sol pintado na parede”... Tais espíritos infelizes, no entanto, foram esclarecidos e afastados. É o próprio Homilton Wilson quem o diz: “Eurípedes venceu-os, brilhantemente, iluminando-se da luz do Espiritismo. Sua mediunidade sublimou-se e não fracassou até o final”.

Prossigamos. Com a autorização de “Seu” Mógico já convertido ao Espiritismo, Eurípedes Barsanulfo ampliou a farmácia dos pobres que houvera instalado ao lado de seu quarto, nos fundos da casa. Os sais básicos mandava vir da então maior drogaria do Estado de São Paulo — a Drogaria Brasil. As tinturas de raízes, cascas e folhas eram feitas em casa pelo próprio médium. Essa farmácia, em parte alopata, era chamada pela camada mais simples da população de “farmácia de Seuripe” — corruptela de “Seu Eurípedes”. Mas, tinha um nome: Farmácia Espírita “Esperança e Caridade”.

As pregações na Zagáia; a visita aos casebres de sapé; a vida evangélica, enfim, que levava, devolvera a Eurípedes Barsanulfo o antigo prestígio popular, não obstante os contínuos ataques da Igreja... E, naturalmente, o movimento na farmácia dos pobres cresceu e Eurípedes Barsanulfo viu-se obrigado a deixar que Edalides, Eurídice e Edirite, suas irmãs, colaborassem, lavando vidros, fazendo rótulos e embrulhos, manipulando receitas mediúnicas. Elas preparavam as pílulas e Eurípedes Barsanulfo os

(1) Eurípedes Barsanulfo presidiu o centro espírita até o dia de seu desencarne.

remédios líquidos. Essa equipe seria logo depois ampliada com a menina Jesuina de Almeida de Marcos, filha de João Pereira de Almeida, médium de Santa Maria, Francisca Borges(1), curada de ataques e a admirável Amália Ferreira, a qual todos os dias, durante doze anos consecutivos trabalhou como secretária de Eurípedes Barsanulfo e enfermeira dos Espíritos, inclusive, nos casos de amputação ou de cirurgia obstétrica. Amália Ferreira (tia Amália, como a tratavam todos) era a primeira a chegar e a última a sair da farmácia. Sua posição ao lado do médium e dos Espíritos foi a de uma autêntica missionária(2).

Essa equipe abnegada trabalhava sem cessar. Os vidros com o remédio já manipulado (cem, duzentos por dia!) eram colocados em filas sobre uma comprida mesa. No ato de rotulá-los, Eurípedes Barsanulfo costumava recomendar:

— Sei que as senhoras começam a ficar cansadas, mas continuem atentas... Quando fizerem o rótulo escrevam a maneira de tomar o remédio e não troquem o nome do doente. Se houver erro os Espíritos darão uma batida no vidro ou no teto.

Evidentemente, vez ou outra as meninas cometiam erros no rótulo ou entregavam aos doentes remédios trocados... As batidas, então, se faziam ouvir — e as meninas, rápidas, corrigiam o erro. Era, também, comum o doente buscar o remédio e as meninas não o acharem; o vidro procurado, então, tombava na prateleira chamando-lhes a atenção...(3).

Outro fenômeno mediúnico rotineiro na farmácia: pessoas, ao pedirem receitas em nome de um doente, ouvir de Eurípedes Barsanulfo estas palavras:

— Seu parente já desencarnou, meu irmão.

E o desencarne ser confirmado depois.

(1) Francisca Borges foi esposa de Jerônimo Candido Gomide, ex-aluno de Eurípedes e fundador de Palmelo.

(2) Amália Ferreira, após o desencarne de Eurípedes Barsanulfo continuou em Sacramento, impulsionando-lhe a obra e desenvolvendo-a. Foi quem, apoiada por Corina Novelino e Maria da Cruz fundou o "Lar de Eurípedes", instalado ao lado do Colégio Allan Kardec e que recolhe meninas desamparadas. No dia da inauguração (1951) o espírito de Eurípedes Barsanulfo transmitiu-lhe uma mensagem através do médium Chico Xavier. O desencarne de Amália Ferreira verificou-se em Sacramento no dia 30 de novembro de 1963, estando já idosa. Comunicando o fato ao primo de Amália, sr. Odilon José Ferreira, em carta datada em 9 de dezembro de 1963 e em nosso poder, escreveu Corina Novelino que "os últimos instantes dela foram coroados de excepcionais fenômenos espíritos, tornando magnífico o momento do desenlace. Houve um chuveiro fluidoico (visível e tangível) que tocou a todas as criaturas presentes. Parecíamos flutuar, acionados por aquela camada extraordinária, que a Bondade do Alto nos enviava."

(3) Era, realmente preciso muita atenção, pois, todos os dias despachava Eurípedes Barsanulfo pelo Correio dezenas de vidros para enfermos residentes, inclusive, em outros Estados.

O trabalho mediúnico de Eurípedes Barsanulfo no Grupo Espírita "Esperança e Caridade" tomava proporções imensas; agora, ele alimentava-se pouco — dois ovos crus pela manhã e, no almoço, empadinhas especiais que sua irmã Mariquinha (Maria Neomísia) lhe preparava. E frutas. E dormia, tão somente, de quatro a cinco horas por dia; sono, aliás, constantemente interrompido por pessoas que pediam remédios ou que as acompanhasse para fazer um parto ou uma cirurgia mediúnica urgente. Em verdade, nem de madrugada tinha ele descanso.

A Igreja, preocupada com o gigantesco trabalho que o Apóstolo da Caridade vinha desenvolvendo em nome do Espiritismo procurava, de alguma forma, obstá-lo — embora, no atendimento aos sofredores, Eurípedes Barsanulfo jamais lhes perguntasse a que religião pertenciam...(1)

E a campanha dos padres e beatos começou a ser dirigida aos pais católicos no sentido de retirarem seus filhos do Liceu Sacramento. A campanha atingiu, inclusive, diretores e professores, os quais se demitiram em massa no mês de setembro. E Eurípedes Barsanulfo, para não deixar os alunos perderem um ano de estudos, apressou o exame final — marcado para novembro foi ele realizado em outubro. Watersides Wilon, seu irmão, auxiliou-o nessa tarefa.

Eurípedes Barsanulfo já havia deixado a vereança para melhor cumprir sua missão espiritual e, agora, corria perigo o Liceu Sacramentano de fechar as portas...

A campanha clerical parecia vitoriosa.

(1) Eurípedes Barsanulfo sempre fora muito tolerante com os crentes de qualquer religião. Ajudava-os, inclusive. Um dia, acercou-se de si um homem andrajoso, dizendo:

— S'Euripe, o meu caçulinha está doente e me disseram que as crianças que morrem sem batismo não vão para o céu. Fui batizar meu crioulinho, mas o padre pediu dinheiro e eu não tenho. Se meu crioulinho morrer irá para o inferno?

Eurípedes Barsanulfo, comovido, respondeu, tirando uma nota do bolso:

— Não, não vai. Mas, tome aqui este dinheiro e vá batizar seu pretinho, meu velho...

É óbvio que não se podia esperar outra reação de um homem altamente evoluído como Eurípedes Barsanulfo. A guerra, pois, que a Igreja movia não era, exatamente, contra o médium, e, sim, contra a Doutrina Espírita nele simbolizada.

5.º capítulo

*Fundação do Colégio Allan Kardec
(e os pontos de contato com Pestalozzi)*

*Pedi, e dar-se-vos-há; buscai, e encontrareis;
batei, e abrir-se-vos-há. Porque aquele que pede,
recebe; e, o que busca, encontra; e, ao que bate,
se abre.*

(Mateus, 6-7,8)

Era, no entanto, aparente a vitória da treva.

O Liceu Sacramentano encerrara as atividades, mas, em seu lugar, surgiria um estabelecimento cultural, cujas luzes se expandiram por todo o país, atravessando gerações... E "Seu" Mógico, inspirado pelo Alto, comprara do promotor público João Gomes Vieira de Melo uma casa com vasto terreno e deu-a para o filho. Mês de março de 1907. O prédio não era muito grande nem novo, mas Eurípedes Barsanulfo transformou-o, imediatamente em escola. E formou o novo corpo de professores: Maria Gonçalves dos Santos teria sob sua responsabilidade o curso primário; Ocarlino José de Oliveira, também ex-discípulo de Eurípedes, o primário mais adiantado; Watersides Wilon, o curso médio; e Eurípedes Barsanulfo o curso superior, sem deixar, porém, de dar assistência, inclusive, ao primário(1). Todos eram espíritas. Para que tenham nossos leitores exata idéia da seriedade do novo estabelecimento cultural, citemos algumas das matérias ensinadas: botânica, geografia, história, matemática, francês, português, anatomia, zoologia, astronomia, química, física e, às quartas feiras, das dez ao meio-dia, religião para os alunos de todas as classes — aula ministrada por Eurípedes Barsanulfo.

A nova escola estava pronta para abrir suas portas; possuía, inclusive, uma biblioteca com trezentas obras, aproximadamente, entre elas a "História Natural", em dois volumes totalizando 1.187 páginas, de F. Martin e Rebau (alemães), traduzida por Martius, as de Guerra Junqueiro, Rui Barbosa e de Allan Kardec.

O novo liceu, repleto de alunos de ambos os sexos foi inaugurado no dia primeiro de abril de 1907 (cinquenta anos após o lançamento na França de "O Livro dos Espíritos"), não obstante as agressões contra o Espiritismo na imprensa, no púlpito e em

(1) Com o aumento dos alunos se agregaram novos professores. É interessante, ainda, acrescentar, que os melhores alunos do curso superior colaboravam com Eurípedes Barsanulfo; como Tomaz Novelino, o qual viria a tornar-se renomado médico em França e com notáveis serviços prestados à Causa Espírita na área da pedagogia.

boletins espalhados pelos beatos... Cumpre assinalar, aqui, que Manoel Rodrigues Paixão foi o único vigário a se mostrar indiferente à inauguração da escola. Era ele, realmente, muito fraterno com Eurípedes Barsanulfo, não obstante o médium ser *pioneiro do Espiritismo nas terras do Triângulo Mineiro*.

A vitória do liceu foi total por motivos vários; a moral de seu diretor era imoluta e Sacramento não possuía outra escola que oferecesse cursos médio e superior. E mais: a maioria dos estudantes da região não tinha recursos e Eurípedes Barsanulfo nada lhes cobrava.

Veremos, agora, o fator principal dessa vitória. Já dissemos que a inauguração muito festiva e com vários discursos verificou-se no dia primeiro de abril de 1907; tinha, então, Eurípedes Barsanulfo vinte e sete anos de idade. Nessa noite, depois de meditar em seu quarto sobre a campanha difamatória que lhe moviam, o apóstolo orou, agradecendo a Deus por haver conseguido montar um novo estabelecimento educacional. A prece era tão comovente, que sua vibração atingiu as camadas mais elevadas da Espiritualidade. Ao terminá-la sentiu, então, forte desejo de escrever. Pegou lápis e papel e sentou-se com as pálpebras cerradas. E teve uma visão: do céu descia sobre o pequeno quarto(1) uma luz fulgurante. E Eurípedes Barsanulfo deixou o lápis deslizar sobre o papel. A mensagem era de Maria, mãe de Jesus, e estimulava-o a enfrentar com muito amor seus opositores, pois os venceria a todos. E o sublime Espírito aconselhou-o a dar ao estabelecimento o nome de COLÉGIO ALLAN KARDEC (o colégio era um compromisso assumido por Eurípedes Barsanulfo antes de reencarnar). E, no dia seguinte o apóstolo mandou esculpir em uma placa de metal o nome do estabelecimento e colocou-a na entrada do prédio(2). E, assim foi criado o primeiro colégio espírita em todo o mundo!

A orientação pedagógica de Eurípedes Barsanulfo tinha algumas raízes na pedagogia pestalozziana (3). Senão, vejamos. O professor de Sacramento fazia-se amigo dos alunos e, assim, era respeitado. Jamais impôs castigos. Não se limitava, unicamente, ao ato de instruir porque a finalidade máxima da

(1) A casa de "Seu" Mógico, muitos anos depois do passamento de Eurípedes Barsanulfo, foi demolida. O quarto do médium, porém, foi reconstruído a pedido de sua sobrinha, a poetisa Heigorina Cunha, no fim da Rua Rui Barbosa — os mesmos tijolos, o mesmo assoalho, as mesmas dimensões. Um ato de ternura.

(2) Dos depoimentos de Edalides Millan Rezende e Homilton Wilson, irmãos carnavais de Eurípedes Barsanulfo.

(3) Henri Pestalozzi é considerado o fundador da educação popular moderna e da pedagogia social. Foi professor de Allan Kardec, em Yverdon, na Suíça.



Alunos do sexo masculino do Colégio Allan Kardec. Entre os professores sentados vê-se Eurípedes Barsanulfo.

educação consistia, para ele, em formar no homem um caráter virtuoso e despertar-lhe o sentimento religioso. Em outras palavras, a educação não visava, apenas, o acúmulo de conhecimentos; era-lhe básico levar o educando aos caminhos do Bem. A prova disso é que Eurípedes Barsanulfo fundou a "Associação dos Amiguinhos dos Pobres" entre os alunos de seu colégio, os quais, aos sábados, faziam leilão do que haviam conseguido com parentes e amigos: roupas, livros usados, frutas, objetos, etc. Com o dinheiro apurado, semanalmente, Eurípedes Barsanulfo e os pequenos responsáveis pela associação beneficente adquiriam gêneros alimentícios para distribuir aos pobres. E mais: o mestre, com sabedoria e amor, incumbia os alunos dos cursos médio e superior de tomar conta, inclusive, à noite, dos enfermos mais pobres, já velhos e abandonados em choupanas deploráveis. Os discípulos, então, revezando-se, dava-lhes o remédio na hora certa, etc. E havia, ainda, este ponto de contato com o método de Pestalozzi: o apóstolo de Sacramento gostava de dar aula manuseando o Livro da Natureza. Os conhecimentos de astronomia, por exemplo, eram assimilados pelos alunos durante a contemplação do céu. Contou-nos José Vieira, ex-aluno do Colégio Allan Kardec, que em 1910 aparecera no céu de Sacramento o cometa periódico de Halley (aparece em cada setenta e cinco anos) com sua impressionante cauda luminosa com milhões de quilômetros. E Eurípedes Barsanulfo, rodeado pelos alunos dos cursos médio e superior, durante todas aquelas noites em que se demorou o cometa deu ao ar livre magistrais aulas de astronomia.

Era comum, também, Eurípedes Barsanulfo levar seus alunos ao campo e transmitir-lhes conhecimentos de botânica ou zoologia. Pegava, então, uma planta ou um inseto e classificava-os, aproveitando o momento para falar de Deus.

Essa pedagogia dinâmica era empregada, inclusive, nas aulas que dava às crianças sobre o Evangelho. Eurípedes Barsanulfo fazia a exposição e os alunos os comentários. Tal método tinha ainda outra vantagem além de fixar na memória os conhecimentos espirituais — desinibia as crianças.

É evidente que com um método educacional tão avançado o Colégio Allan Kardec logo se tornou respeitado, não obstante seu jovem diretor ser espírita. Sua fama espalhou-se e começou, então, a receber alunos de outras cidades: Uberaba, Franca, Ribeirão Preto...

Era o ensino ministrado com tal eficácia, que Eurípedes Barsanulfo autorizava nos exames finais que visitantes interrogassem



Em 1922, o prédio do Colégio Allan Kardec já havia sofrido reformas e apresentava este aspecto.

seus alunos sobre o ponto sorteado (os papéis numerados e correspondentes aos pontos eram colocados dentro de seu chapéu de coco). E muitas perguntas eram formuladas objetivando a desmoralização do colégio... Relatou-nos o ex-aluno Antenor Germano da Silva o seguinte episódio que serve como ilustração:

No dia do exame chegaram diversas pessoas estranhas. O salão estava repleto. Exame sobre "Ciências Naturais"; o ponto sorteado fora "anatomia do corpo humano". Eurípedes fez uma série de perguntas aos alunos. As respostas pareciam perfeitas porque, no fim do exame oral, olhou para todos nós e disse:

— *Estou satisfeito. A palavra está franqueada aos nossos visitantes.*

E logo levantou-se um senhor com anel de doutor no dedo e, mal encarado, disse:

— *Desejo arguir a classe.*

— *Pois não, respondeu Eurípedes.*

E o desconhecido mandou meu colega Antonio Pinto Valada discorrer sobre a pequena e a grande circulação do sangue. Ora, Antonio obedeceu e foi brilhante. O desconhecido elogiou-o, seccamente, e pediu a uma aluna que falasse sobre a respiração. Ela o satisfez. Em seguida, chamou-me até o tablado e pediu-me que falasse sobre os músculos do corpo humano. Eu, então, discorri o que sabia. Não satisfeito, pediu-me, a seguir, informações sobre a composição química do sangue.

— *Pois não, respondi, sem entender porque ele insistia tanto comigo.*

E falei tudo o que sabia a respeito. Ele, de braços cruzados, ouviu com atenção e depois disse:

— *É... Não concordo com o senhor...*

E pediu a Antonio Pinto Valada que falasse sobre a composição química do sangue. Antonio falou exatamente o que eu dissera. O desconhecido, então, pensativo, tornou a dizer que não concordava. Interrogada a aluna Niconedes Pinto, também ela repetiu o que havíamos dito. Eu, então, olhei imediatamente o rosto de mestre Eurípedes Barsanulfo — estava sorridente, com aquele arzinho de satisfação... O desconhecido, porém, virou-se para Eurípedes e disse:

— *Eu não concordo com a definição dada por esses moços.*

— *Mas eu estou de pleno acordo com os meus alunos, respondeu Eurípedes.*

Então, não resisti mais e, sem pedir licença, caminhei até à mesa de Eurípedes e peguei o compêndio de Ciências Naturais. Abri justamente na página que tratava da questão e levei-a às vistas do desconhecido, dizendo:

— Olhe aqui doutor! Eis a composição do sangue, conforme todos os meus colegas responderam!

E Eurípedes Barsanulfo deu o exame por encerrado.

E as autoridades oficiais, que pensavam do colégio que ousava chamar-se "Allan Kardec"? Cinco inspetores do Ensino visitaram-no, periodicamente. Vamos transcrever o parecer de Ernesto de Melo Brandão com data de 29 de abril de 1913:

Visitei hoje o Colégio Allan Kardec dirigido pelo competente e dedicado professor Eurípedes Barsanulfo, encontrando presentes às lições 94 alunos dos 113 atualmente matriculados. Acompanhei os trabalhos escolares e pude verificar que o método de ensino adotado é racional e que os alunos vão assimilando bem todas as matérias lecionadas neste Colégio, que se impõe ao conceito desta cidade, não só pela boa disciplina, mas, também, pela dedicação desinteressada do seu diretor e seus dignos auxiliares, aos quais deixo consignados nestas linhas os meus aplausos pelos bons resultados que vão colhendo, e meus agradecimentos pelo modo gentil com que me receberam no seu estabelecimento de ensino.

O Colégio Allan Kardec, sob a proteção da Espiritualidade Superior, "impusera-se ao conceito da cidade", como bem afirmara o Inspetor Escolar. Mas, com os alunos de outras cidades já se tornava o prédio acanhado — e foi construído, então, sob a responsabilidade de Angelino Pereira de Almeida e Cosme Martins de Oliveira um grande salão. A melhoria, porém, não resolveu o problema: o número de alunos continuava a aumentar... As matrículas eram abertas e no mesmo dia encerravam-se, ficando dezenas de alunos sem estudar! Era necessária a construção de um novo prédio e, então, constituiu-se uma comissão para dirigi-la formada pelo delegado Randolpho Rocha (presidente), Manoel Correa (administrador da obra), major Ataliba José da Cunha (procurador), Francisco Ramos Jordão, Mariquinha Peiró e o dentista Lindolfo Fernandes.

A cidade vibrou com a notícia, embora o Colégio Allan Kardec ensinasse Espiritismo... Várias pessoas prontificaram-se a colaborar e correu, então, uma subscrição popular. A primeira

dádiva veio da sra. Mariquinha Peiró: doaria toda a cal necessária. O novo prédio chegou a abrigar duzentos e dez alunos! Eurípedes Barsanulfo, porém, desencarnaria sem ver a obra, totalmente, acabada...

6.º capítulo

35 casos mediúnicos autênticos

E todos se admiravam, a ponto de perguntarem entre si, dizendo: Que é isto? que nova doutrina é esta? pois até com autoridade ordena aos espíritos imundos, e eles lhe obedecem!

(Mateus, 1-27)

Eurípedes Barsanulfo, na condição de instrumento de espíritos de elevada hierarquia, curava, inclusive, moléstias que eram na época um desafio à medicina, tais como a lepra e a não menos temível tuberculose, que dizimava, anualmente, milhares e milhares de vidas em nosso país...

Essas curas levaram seu nome além das fronteiras: e Sacramento, cidade humilde, tornou-se famosa. Nela desembarcavam, diariamente, centenas de enfermos, a maioria sem recurso e trazida em velhas carroças puxadas por bois ou no lombo de bestas de carga... Com o crescente aumento da população flutuante a andar sem rumo e os poucos hotéis superlotados, as pensões multiplicavam-se, não obstante chefes de família, condoídos, abrissem as portas de sua residência para abrigar doentes.

É evidente que o clero, vendo o povo forasteiro procurar o médium ao invés da igreja, redobrou, com maior fúria, a campanha contra o Colégio Allan Kardec e o Grupo Espírita "Esperança e Caridade"; mas, é verdade, também, que beatos e até sacerdotes ganharam dinheiro à custa do médium — como o jovem padre Pedro Ludovico de Santa Cruz, da Igreja-Matriz e do extinto Liceu Sacramentano, ex-amigo e depois o inimigo mais ferrenho de Eurípedes Barsanulfo, mandando construir inúmeras casas que foram logo transformadas em pensões...

O apóstolo, então, estava no auge da faina mediúnica e pouco repousava. Em carta (hoje em nosso poder) dirigida a Zenon Borges, seu ex-aluno e depois professor no Colégio Allan Kardec, dizia Eurípedes Barsanulfo:

Até que enfim me é permitido dirigir-lhe uma carta. Não avalia, meu Zenon, quanto me vejo atarefado e como cresce dia a dia a minha faina. Que quer, grande é a Seara, e poucos os cegadores!

Eurípedes Barsanulfo dividia agora o tempo entre a farmácia, o Grupo Espírita "Esperança e Caridade" e o Colégio Allan Kar-

Meu Zenon.

Deus o illumine e a digna
consorte.

Saudos e o visita com o exmo.
d. Flavia e a todos que lhe
são caros.

Até que enfim me é pa-
ssível dirigir-lhe uma carta.

Não sabia, meu Zenon,
quanto me vem atormentado e
como cresce dia a dia a
miséria minha. Que que,
grande é a cegueira, e pou-
cos os curadores.

Prezende uma collocação que lhe

Fac-simile de uma carta de Eurípedes Barsanulfo dirigida a Zenon
Borges.

dec, onde era também procurado pelos enfermos mais desesperados.

Uma de suas características mediúnicas é que não examinava os doentes e nem sequer a aparência das moléstias externas; perguntava, apenas, a idade do enfermo e psicografava, mecânicamente, a receita, cujos remédios Amália Ferreira e suas ajudantes menores manipulavam sob a observação dos espíritos.

As curas realizadas por Eurípedes Barsanulfo (inclusive, intervenções cirúrgicas, pois que as fazia!) infelizmente não foram em sua época anotadas.

O autor desta páginas recolheu, porém, diversos casos que satisfarão a curiosidade dos leitores; casos rigorosamente autênticos, pois que nos foram narrados por testemunhas oculares e pelas próprias pessoas curadas pelo inesquecível médium. Os casos que nos chegaram às mãos, através de terceiros, foram postos de lado e a razão é óbvia...

Antes, porém, de divulgarmos esses depoimentos históricos (pela primeira vez) queremos ressaltar, desde já, um detalhe de suma importância. É que, quando o espírito do apóstolo deixava o corpo físico (fenômeno de desdobramento) era capaz de realizar, sozinho, curas, operações e partos. A explicação é que Eurípedes Barsanulfo, em uma de suas últimas reencarnações, fora médico na França. Quando não havia o desdobramento, as curas dependiam do Dr. Bezerra de Menezes, um de seus guias espirituais. Isto posto, passemos ao relato dos casos mediúnicos antológicos, conforme nos foram transmitidos; casos de cura, cirurgia, partos, premonições, clarividência, bicorporeidade, psicografia, efeitos físicos, etc.

Primeiro caso de obsessão — Eurípedes Barsanulfo mandara construir no porão do Colégio Allan Kardec quartos com grades de ferro, onde eram colocados os obsidiados perigosos, então considerados "loucos" pela maioria dos psiquiatras, pois os sintomas psicológicos assemelhavam-se aos da loucura por lesões cerebrais. Esses infelizes haviam sido internados em hospícios e, sendo violentos, eram trazidos por seus familiares a Sacramento algemados e escoltados por soldados. O tratamento espiritual era ministrado à noite, quando as atividades escolares já haviam cessado. Eurípedes Barsanulfo e médiuns auxiliares levavam, então, os obsidiados ao salão nobre e, sob a orientação do espírito Bezerra de Menezes efetivava-se a cura com passes, doutrinação e prece.

Eurípedes Barsanulfo era o que se pode qualificar de "homem magnético". Seus fluidos aliados ao sentimento de amor ao próximo realizavam prodígios no campo da obsessão.

Citemos exemplos.

Certa vez, um homem de baixa estatura, porém, hercúleo e armado com uma faca, ameaçava os que tentavam aproximar-se de si.

— Olha a faca! Olha a faca! gritava o negro, os olhos esgazeados.

Seis homens foram necessários para dominá-lo. Prenderam-lhe, então, os pulsos com arames grossos e levaram-no à porta do Colégio Allan Kardec e chamaram Eurípedes Barsanulfo.

— Olhe como está, professor! Ficou louco!

— Pode soltá-lo, disse o médium.

— Mas, ele é furioso!

— Não há perigo.

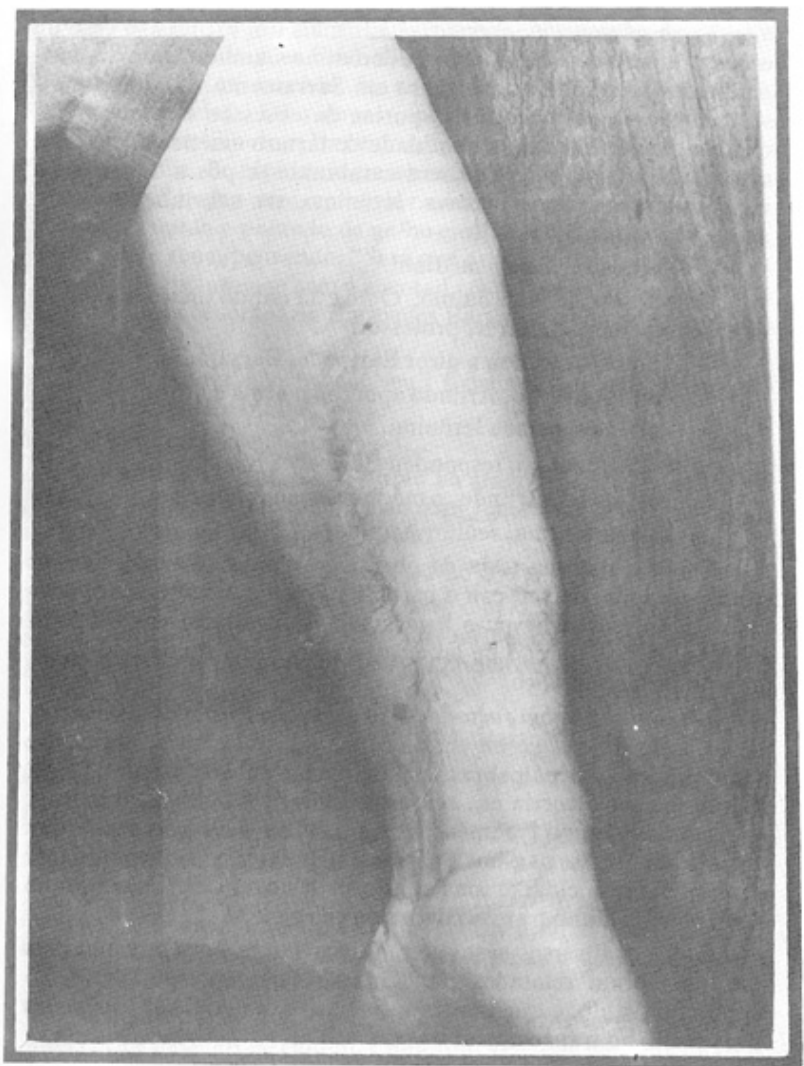
Os arames foram retirados e os seis homens recuaram, imediatamente. Eurípedes Barsanulfo, então, caminhou em sua direção, e, ali mesmo, transmitiu-lhe um passe magnético. O obediado com os olhos fora da órbita não reagiu: começou a suar muito e acalmou-se. Terminado o passe, Eurípedes Barsanulfo pegou-lhe o braço e levou o infeliz ao porão do colégio para o posterior tratamento, que haveria de curá-lo em pouco tempo.

Fatos, assim, repetiam-se, constantemente, com Eurípedes Barsanulfo e a maioria da população de Sacramento os testemunhou.

Segundo caso de obsessão — Vejamos outro caso. Passou a residir em Sacramento um homem que logo se tornou popular. Tinha ele a curiosa mania de escrever a carvão e com letras enormes seu nome (Pedro) na parede das residências. Outra mania, não menos curiosa, é que sem talento improvisava versos para os transeuntes:

*Hoje eu tive uma notícia
Que para mim foi muito bela;
Que o filho da vizinha
Precisa de uma costela...*

Quando, porém, os obsessores o apertavam, tornava-se agressivo e adquiria força descomunal. A primeira arruaça que fez foi em frente à prefeitura, enfrentando diversos soldados. Era impossível dominá-lo. Eurípedes Barsanulfo foi, então, chamado e, para



Trabalho cirúrgico de Eurípedes Barsanulfo no braço de seu ex-aluno Manoel Borges.

espanto do público, tranquilamente levou Pedro ao porão do colégio.

Terceiro caso de obsessão — Eis mais um expressivo caso de obsessão. Arlindo Gomide (tio de Jerônimo Candido Gomide, fundador de Palmelo) era fazendeiro em Sacramento. Um dia, questões amorosas abriram-lhe as portas da obsessão e resolveu suicidar-se. Ingeriu grande quantidade de tártaro emético e, em crise convulsiva, pegou o revólver e a carabina e se pôs a dar tiros ao mesmo tempo em que berrava. Jerônimo, seu sobrinho, correu a avisar Eurípedes Barsanulfo.

— Vamos lá, disse o médium.

— Não, replicou Jerônimo. O tio está dando tiros em todas as direções e podemos morrer, professor!

— Vamos lá, tornou a dizer Eurípedes Barsanulfo.

E foram. Ao vê-los, Arlindo apontou a arma e atirou.

— Voltemos, gemeu Jerônimo.

— Avance comigo, respondeu Eurípedes Barsanulfo.

Já próximos de Arlindo, o médium, tranquilo, disse:

— Largue a arma, senhor Arlindo.

E pôs a mão na testa do obsidiado e orou. Arlindo, com os olhos vidrados, deixou cair a carabina, imediatamente. Eurípedes Barsanulfo, então, levou-o à farmácia e introduziu em seu estômago uma boa porção de leite, através de uma sonda e fê-lo vomitar o tártaro emético.

O aluno e o sabiá furtado — Era comum Eurípedes Barsanulfo no pátio do colégio ou em plena sala de aula entrar em transe sonambúlico. As pálpebras, então, fechavam-se, o rosto ficava pálido, o suor escorria e... seu espírito libertava-se! Os alunos, já acostumados com o fenômeno ficavam em silêncio à espera de que o professor abrisse os olhos e narrasse o que vira ou o que fora fazer em espírito pela cidade: uma cura, um parto ou... verificar porque determinado aluno travesso fugira do colégio.

Entre os diversos casos com alunos vamos pôr em pauta dois que nos foram relatados por Antenor Germano da Silva(1), o popular Cristino, e que mostram, inclusive, a perícia de Eurípedes Barsanulfo no trato com as crianças.

(1) Antenor Germano da Silva, apesar da avançada idade era bastante jovial. Foi um dos que mais colaboraram com esta obra. Durante várias gerações professor no Colégio Allan Kardec, lecionava História, Geografia e Matemática. Desencarnou o querido velhinho em 1973 e nesse mesmo ano a prefeitura de Sacramento deu o seu nome a uma rua e o de Homilton Wilson (irmão de Eurípedes Barsanulfo) a uma praça.